

Os guias de Yatta do Quênia

Dan Schellenberg com Simon Batchelor

O povo de Kamba, a terceira maior tribo do Quênia, possui um estilo de vida rural africano bastante típico. As suas terras consistem na maior parte de mato cerrado semi-árido com pequenas propriedades rurais por todos os lados, chamadas *shambas*. A mulher e os filhos geralmente vivem na *shamba*, enquanto o marido vai para a cidade. Nos anos 80, eles plantavam milho, algodão e algumas hortaliças. Estas plantações podiam não vingar até uma vez a cada duas estações. Poderia uma família típica melhorar sua produção mudando a gestão (o manejo) de seus poucos recursos? Esta foi a questão enfrentada por um pequeno projeto de desenvolvimento em Yatta.

O primeiro passo foi discutir as preocupações locais entre sete famílias (com o auxílio de uma pessoa de fora, conhecida como *guia*). A necessidade mais imediata era guardar água para a estação da seca. As mulheres passavam metade do tempo recolhendo lenha e água. Porém, resolver o problema da água exigiria dinheiro, e nenhuma das famílias possuía dinheiro de sobra. Não havia nenhum crédito disponível, e as famílias viviam a uma grande distância umas das outras para poderem unir-se em um único projeto.

Encontrando o capital

Entretanto, cada família possuía dois bois (ou burros, ou vacas), os quais eram jungidos juntos para arar a terra com o arreio tradicional. Recentemente, um arreio aperfeiçoado havia sido desenvolvido na Universidade de Nairobi, o qual podia ser utilizado com apenas um animal. O arreio

A palavra *guia* é utilizada para pessoas enviadas para encontrar o caminho para o povoado; tal como o caminho para a informação, uma região para pastagem ou água em época de seca. Refere-se àqueles que recebem o dom de ver o caminho adiante. Estas pessoas não possuem nenhuma posição oficial, são humildes e respeitadas por sua vontade de se esforçarem para encontrar as soluções dos problemas.

custava uma quantia relativamente pequena, que a família podia levantar. Após um período de experiência, as famílias que haviam começado a utilizar o arreio, viram que um boi era suficiente para arar a terra. O benefício principal deste arreio era que o animal mais fraco podia ser vendido por dinheiro suficiente para comprar cimento e arame – suficientes para construir uma cisterna de captação de chuva de 90.000 litros. A cisterna consistia simplesmente de um buraco no solo com um forro de cimento armado. A cisterna fornecia a água necessária para uma família durante seis meses sem chuva, e sobrava água para vender aos vizinhos.

A água da cisterna era muito lamacenta e apresentava o risco de provocar doenças. Foi utilizado um filtro de fluxo ascendente feito de areia e carvão (veja a *Passo a Passo* 35) para purificar a água potável. Como este precisava de apenas um saco de cimento para a sua construção, podia ser feito ao



mesmo tempo que o forro para a cisterna de captação.

Escolhendo árvores

A construção da cisterna ofereceu uma introdução prática aos princípios da gestão (do manejo) de terras e, principalmente, do controle da erosão. Era preciso plantar árvores para evitar que a água desgastasse o solo arável à medida que escorresse para a cisterna. Este tipo de plantação em agrosilvicultura contrasta totalmente com a prática tradicional de plantações anuais no solo sem vegetação, em que este pode sofrer facilmente erosão causada pela chuva. Foi introduzido um combustível leguminoso e árvore forrageira, a *Leucaena leucocephala*. Uma outra árvore, a *Moringa oleifera*, que também produz grãos ricos em proteína, também foi introduzida (*Passo a Passo* 20 e 28). As sementes desta árvore foram esmagadas e utilizadas para limpar a água antes de se utilizar o filtro. Agora, os sete lares haviam conseguido uma melhoria óbvia em seu estilo de vida, com possibilidade de uma renda extra.

Esta utilização aperfeiçoada dos recursos existentes deve ser vista considerando-se o processo de desenvolvimento total. Estas idéias práticas surgiram quando apenas algumas famílias encontraram-se com um guia e discutiram os seus problemas. Após esta melhoria, o entusiasmo por causa desta

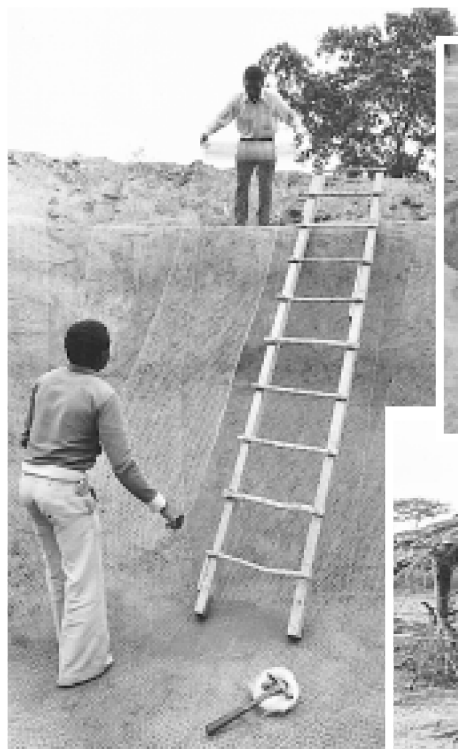




nova renda fez com que algumas destas famílias deixassem de fazer outras melhorias na sua gestão (no seu manejo) de recursos. Elas compraram rádios, relógios e outros artigos de luxo. Os rádios forneceram uma fonte externa de informações. Este período de ajustamento permitiu que os vizinhos vissem os benefícios das melhorias, confirmados pela água excedente na cisterna. As pessoas também começaram a experimentar o cultivo de hortaliças para venda, utilizando a água da cisterna de captação. Com um certo planejamento e a venda das hortaliças para os vizinhos na estação da seca, as pessoas deram-se conta de que a renda proveniente da água poderia ser duplicada.

Mudança para o melhor

As novas habilidades de construção com cimento ajudaram algumas pessoas a começarem negócios e a tornarem-se artífices. A tecnologia utilizada no revestimento da cisterna de captação de água foi utilizada para construir recipientes simples de cimento para armazenar grãos. Em média, mais de metade da safra colhida era perdida após a colheita devido ao mau armazenamento. Os recipientes de cimento protegiam-na dos ratos e dos insetos. Entretanto, os grãos armazenados desta maneira deviam estar bem secos, assim, foi introduzido um simples secador de grãos solar. Os grãos secos exigiam um período de cozimento mais longo. Como havia sido iniciado um manejo de lenha ao mesmo tempo que a plantação de árvores para o controle da erosão, observou-se que um forno eficiente aproveitava melhor o combustível. Mais tarde, foi introduzida a produção de biogás, uma técnica que utiliza estrume de vaca para produzir luz,



Aumentando o fornecimento de água.

Acima: fazendo o forro de cimento armado para a nova cisterna de captação de chuva.



Crianças utilizando uma pequena bomba manual em frente de uma pequena cisterna de água coberta, para diminuir a evaporação e impedir a entrada de animais e crianças.

combustível e fertilizante. Muitos dos vizinhos copiaram as diversas melhorias.

Entretanto, os recursos não são apenas físicos. Estas famílias também começaram a gerir (manejar) seus recursos sociais. Eles sentaram-se e conversaram com os vizinhos sobre problemas e como encontrar soluções. Quando um problema era identificado, uma pessoa do grupo – geralmente o guia – ia à cidade mais próxima para tentar encontrar novas idéias e informações sobre como resolver aquele problema. Foi visto que as informações eram o recurso mais essencial. Geralmente, o problema já havia sido resolvido. Eles só precisavam de descobrir onde e fazer adaptações na situação local.

Acto de generosidade

Finalmente, eles viram que precisavam também de gerir (manejar) os seus recursos espirituais. A cisterna de captação de chuva foi copiada por muitos vizinhos, porém apenas alguns copiaram o depósito de grãos. Quando lhes perguntaram o porquê, os vizinhos não se decidiam se este era bom ou mau. A cisterna de captação tinha obviamente a benção de Deus, pois ele o enchia com a água, que dá a vida. Porém o depósito ainda precisava de mostrar presságios bons ou maus, assim as pessoas estavam dispostas a esperar vários anos

Utilizando o novo forno, que necessita de pouca energia.

para, só então, confiarem nele. A vitória veio após uma seca de dois anos, quando todos os guias cristãos abriram seus depósitos de sementes (que valiam uma fortuna) e deram a seus vizinhos o suficiente para plantarem para o período de chuvas seguinte. Este ato simples de generosidade abriu o caminho para mais de 20 depósitos de grãos, que foram construídos pelos vizinhos nos dois meses seguintes.

As pedras ainda continuam a transformar-se em pão em Yatta.

Dan Schellenberg era associado da SIFAT, EUA, porém agora trabalha como consultor autônomo de desenvolvimento comunitário sustentável. Seu endereço é Rt #1 Box 163, Kennard, Texas, 75847, EUA.

